
O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO NO GÊNERO CHARGE: UM ESTUDO À LUZ DA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA

Jorgelene de Sousa Lima (IFPI)
dilene.sousa@ifpi.edu.br

Resumo: Este estudo objetiva investigar a construção de sentido no gênero charge via processo de recategorização, cuja configuração pode conjugar a linguagem verbal e a não verbal. Focalizamos a construção dos referentes, assumindo o fundamento de que estes nem sempre são homologados por expressões referenciais explícitas na superfície textual. Para a efetivação deste estudo, realizamos pesquisa de natureza qualitativa e descritiva dos dados, a partir de um *corpus* constituído por duas charges, selecionadas de jornais de grande circulação de Teresina/PI e produzidas no período de 2010 a 2012. Os fundamentos teóricos deste estudo estão concentrados em autores como: Koch e Cunha-Lima (2007), Mondada e Dubois (2003), Lima (2009) e Kress e Van Leeuwen (1996), dentre outros. Os resultados sugerem que as diversas semioses que envolvem a configuração das charges, funcionam de modo semelhante às expressões referenciais e que as funções da recategorização dependem do propósito da charge, mas estão sempre licenciadas pelas metáforas ou metonímias, evidenciando críticas, situações ou exacerbar características do referente. A recategorização no *corpus* de investigação se apresentou sob três planos: i) diretamente da própria imagem, em ocorrências nas quais as figuras formam um todo complexo para provocar a recategorização; ii) acionada pela materialidade textual que compõe o texto multimodal ancorando-se, no entanto, na imagem; iii) de forma indireta, exigindo mais esforço do interlocutor para a sua reconstrução, ascendendo, respectivamente, ao grau de implicitude das recategorizações.

Palavras-Chave: Charge. Multimodalidade. Recategorização.

1 Introdução

A recategorização consiste em um dos tipos de referenciação, podendo ser sumariamente definida como uma estratégia em que os referentes ou objetos de discursos são remodelados, na atividade discursiva, atendendo aos propósitos dos interlocutores (APOTHÉLOZ, REICHLER-BÉGUELIN, 1995).

Considerando que o processo de recategorização perpassa os textos verbais e se concretiza também nos textos não verbais, entendemos ser necessária uma abordagem do referido processo em textos multimodais, os quais congregam tanto elementos verbais quanto imagéticos. A multimodalidade é um tema em ascensão no âmbito da Linguística Textual, cujas investigações passaram a propor estudos de textos que acionam mais de uma

linguagem, dentre os quais se incluem as charges, que integram o nosso *corpus* de investigação. Esse gênero, em geral, produz efeitos cômico e irônico ligados a fatos sociais, sendo muito utilizado pelos jornais por conjugarem elementos visuais ou verbo-visuais que atraem a atenção do leitor.

Ressaltamos que embora exista uma gama de trabalhos voltados ao processo de referenciação nos mais diversos gêneros textuais (CAVALCANTE, 2011; KOCH, 2002; LIMA, 2009; CUSTÓDIO FILHO, 2011), ainda são limitados aqueles que dão relevância à recategorização no que concerne à construção de sentido nos textos multimodais.

Acreditamos que, para uma abordagem de maior alcance da recategorização, prioridade deste estudo, faz-se necessário alargar as dimensões do estudo deste processo aos textos multimodais, a exemplo do gênero charge. Dessa forma, esperamos contribuir para a aplicação dos pressupostos da referenciação, particularmente do processo de recategorização, ao estudo de textos multimodais.

Sendo assim, ratificamos que este trabalho objetiva investigar a construção de sentidos de textos multimodais via processo de recategorização, especificamente no gênero charge, considerando as peculiaridades desse gênero, cuja configuração híbrida de linguagem (verbal e não verbal) ou apenas imagético produz um diferencial no que diz respeito à explicitude dos referentes, nem sempre homologados por meio de uma expressão referencial. Tal fato repercute também no processo de recategorização, cujos limites extrapolam a linguagem verbal, como investigamos neste estudo, a partir de um *corpus* constituído por duas charges do total de onze que fizeram parte da dissertação de mestrado desta autora e que versam sobre temas políticos e sociais, selecionadas de jornais de grande circulação de Teresina/PI e produzidas no período de 2010 a 2012.

2 Um novo olhar sobre a recategorização

O sociocognitivismo desponta num segundo momento da evolução das Ciências Cognitivas, em que esta passa a assumir uma visão de cognição corporificada. Seguindo esse pensamento, os sociocognitivistas consideram que "as mentes individuais não aprendem uma computação abstrata, mas estão aprendendo a compreender um processo

historicamente situado, compreendido e transformado pelo indivíduo ao longo das suas histórias de vida” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2007, p. 279).

Isso porque, segundo Koch (2004), o sociocognitivismo aponta que os limites entre conhecimentos linguísticos e de mundo em geral não estão facilmente delimitados, já que os textos não são totalmente explícitos, uma vez que não mostram tudo o que se encontra neles, nem tampouco tudo o que é preciso saber para compreendê-los. Tal processo de compreensão se constrói aos poucos, com a participação dos interactantes, com o emprego de conhecimentos prévios e de estratégias interpretativas que vão sendo construídas durante a interação entre os sujeitos. É nessa perspectiva de cognição como fenômeno situado e social que o sociocognitivismo alçou seus fundamentos, servindo como parâmetro aos pressupostos da recategorização, objeto desta investigação.

Considerando que a referenciação é a abordagem na qual toma lugar a recategorização, torna-se imprescindível destacar os aspectos que serviram de base para que a referenciação assumisse o seu atual estatuto na agenda das investigações linguísticas. Destacamos que os pressupostos da referenciação são delineados considerando especialmente a proposta de Mondada e Dubois (2003), por entendermos que esta dá conta de explicar o referido processo em sua plenitude.

Segundo Mondada e Dubois (2003), há muito tempo a busca pelo saber de como a língua refere o mundo tem sido investigada por diferentes estudiosos, mas as respostas, embora distintas, têm caminhado para a mesma direção que pressupõe uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas. As autoras esclarecem que esta proposta é apresentada por meio de “metáforas do espelho e do reflexo e, mais recentemente, do mapeamento”, as quais se referem a uma “concepção especular do saber e do discurso, considerada como uma re-presentação adequada da realidade” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 18), sustentando-se na hipótese de um “poder referencial da linguagem que é fundado ou legitimado por uma ligação direta (e verdadeira) entre as palavras e as coisas”.

Questionando tal visão, as autoras entendem que ao invés de se apoiar na concepção de uma segmentação *a priori* do discurso em nomes e do mundo em entidades objetivas e, posteriormente, questionar a relação de correspondência entre uma e outra é mais produtivo questionar os próprios processos de discretização (MONDADA; DUBOIS, 2003).

É neste enfoque que se observa uma noção de referência distinta daquela tradicional, a qual revela uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas. Pelo contrário, o processo de referenciação é uma construção que depende de muitos fatores e, por isso, apresenta instabilidade.

Isso porque a referenciação implica uma visão dinâmica de referenciar os objetos de discurso, considerando não apenas o sujeito “encarnado”, mas aquele que atua nas relações discursivas, um sujeito sociocognitivo frente a uma relação indireta entre os discursos e o mundo, que participa da construção do mundo no cumprimento de suas atividades sociais e o estabiliza por meio de categorias manifestadas no discurso, que “discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20). Desse modo, a mudança e a instabilidade, segundo as autoras, fazem parte, essencialmente do discurso e da cognição, não podendo, assim, serem vistas como exceções ou problemas de linguagem.

É sob este enfoque que os estudos sobre recategorização foram delineados, considerando-se a instabilidade na relação das coisas com o mundo e a atuação dos sujeitos sobre este, mas, inicialmente, a partir de uma linha de abordagem ligada a funções e propósitos comunicativos, considerando-se a recategorização lexical, que se volta de modo mais específico aos aspectos discursivos de realização do fenômeno.

Diferentemente dessa postura, Lima (2009) observa a recategorização de modo mais amplo, reconhecendo que o termo “recategorização lexical” é por si só reducionista, uma vez que aciona apenas a dimensão textual do fenômeno. Sobre a participação de outros elementos nesse processo, a autora segue esclarecendo que:

O processo de recategorização não necessariamente é homologado por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão recategorizadora na superfície textual, estando a sua (re)construção, em maior ou menor grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos do plano contextual (LIMA, 2009, p. 40).

A investigação de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) propiciou o surgimento das primeiras definições de recategorização a partir do conceito redimensionado de anáfora, no qual assumiram que as expressões anafóricas não têm somente valor referencial,

reconhecendo seu uso tanto para remeter para um objeto de discurso quanto para modificá-lo.

Marcuschi e Koch (2002) ampliam os limites do conceito inicial de recategorização proposto por Apothéloz e Reichler-Beguélin (1995), destacando que este processo se baseia em um tipo de remissão a um aspecto co(n)textual antecedente que pode ser tanto um item lexical como uma ideia ou um contexto que é acionado como espaço de informação mental para a inferenciação.

Assim, Marcuschi e Koch (2002) reconhecem que a recategorização é um processo muito complexo e vai além dos aspectos co(n)textuais do discurso, abrindo espaço para outros autores, tais como Cavalcante (2005) e Lima (2009), ampliarem o conceito de recategorização, ao qual aliamos nossa proposta de investigação, admitindo que os aspectos cognitivos permeiam este processo, conforme já apontavam Marcuschi e Koch (2002).

Cabe ressaltar que motivamos nosso estudo a partir da perspectiva adotada por Lima (2009), já que também consideramos que o processo de recategorização pode ser acionado por elementos que não se encontram explícitos no texto, configurando-se através de pistas que evocam a participação do interlocutor na construção de novos atributos ao objeto discursivo, às quais estão atreladas, dentre outros elementos, seu conhecimento de mundo.

Nessa ótica, para Lima (2009), é evidente o aspecto cognitivo-discursivo da recategorização, motivo que a leva a entender que é necessário um redimensionamento do fenômeno no que se refere à sua concepção inicial proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). A autora coloca que esse pressuposto tem os seguintes desdobramentos:

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais (LIMA, 2009, p. 57).

É a partir dessa abordagem cognitivo-discursiva da recategorização que sustentaremos nossa investigação sobre as charges, por compreendermos que a recategorização nesses textos comporta tanto elementos do plano textual (imagens, cores

etc.) como do plano cognitivo (conhecimento cultural, por exemplo), que aliados atuam nas escolhas de atributos pelo interlocutor.

3 A multimodalidade no gênero charge

As charges, segundo Cavalcanti (2008), são gêneros advindos do processo de valorização da imagem articulada à linguagem verbal com o objetivo de ampliar as vendagens dos jornais, os quais recorreram às estratégias que as imagens desencadeavam, bem como seus efeitos, desenvolveram-se como forma humorada e irônica de fazer as críticas, em geral, de cunho político.

Com o advento da tecnologia, novos domínios comunicacionais foram se estabelecendo e novas esferas de comunicação foram criadas, possibilitando o aparecimento de novos tipos de enunciados estáveis, conforme anunciou Bakhtin (2003), isto é, novos gêneros textuais, os quais foram sendo criados conforme as necessidades comunicacionais. Foi nessa perspectiva de evolução comunicativa que as charges surgiram, do mesmo modo que muitos outros gêneros, também advindos das modificações sócio-histórico-culturais as quais as sociedades estão predispostas.

Sobre este gênero, Flôres apresenta o seguinte conceito:

A charge é um texto usualmente publicado em jornais sendo via de regra constituída por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizadores de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível ler uma charge e compreendê-la, sem considerar os dois códigos complementarmente, associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado - aquele e não outro qualquer (FLÔRES, 2002, p. 14).

Sendo a charge uma forma de registro crítico, sua recepção pelo leitor depende também da existência de uma memória social acionada no momento da leitura, permitindo-lhe construir os possíveis sentidos para o discurso os quais esta comporta. Cabe ressaltar, ainda, que as charges não são publicadas apenas em jornais impressos. Com o advento da tecnologia, esse gênero passou a ser publicado também no espaço virtual, conforme

observamos nesta investigação, na qual grande parte dos textos imagéticos foi retirada de ambientes virtuais.

Magalhães (2006, p. 65) atribui à charge a “função de crítica aos fatos e personalidades do cenário político, e [esta] o faz a partir de semioses próprias e interpeladas por condições de produção bastante particulares”. Para Teixeira (2001), as charges são gêneros consolidados na sociedade porque, além de mesclar imagens e textos verbais, geralmente privilegiam temas polêmicos que expressam sua forma e conteúdo.

As charges são textos multimodais e podem ser constituídas somente pela linguagem não verbal, mas é também muito comum apresentarem este tipo de linguagem associada à linguagem verbal. Uma particularidade das charges é o fato de que estas, em geral, atraem o leitor por condensarem informações a partir de uma leitura rápida. A compreensão de uma charge, no entanto, vai depender de um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento estabelecido na relação discursiva entre o produtor e o interlocutor.

Nas charges as imagens são fixas, colocadas de uma só vez para apreciação do interlocutor, o qual vai fazendo uma leitura da imagem de cima para baixo, de baixo para cima, pelos lados ou a partir do meio, conforme seja sua vontade, buscando compreender a imagem que se manifesta através de uma narrativa condensada, tendo em vista que sempre conta algo.

É nesse sentido que as charges são textos icônicos, de considerável grau de implicitude, nos quais se fazem presentes elementos espaciais e temporais anteriores que se congregam a outros de propriedades singulares, como as cores, que se constituem como uma das mais significativas qualidades empregadas nos textos visuais, além do tom crítico implementado por meio da ironia ou do humor que podem trazer. Por isso, são reconhecidamente textos multimodais.

Halliday (1985) foi o pioneiro nas investigações de textos na perspectiva multimodal, servindo como parâmetro para que linguistas como Kress e Van Leeuwen (1996) e Hodge e Kress (1988), dentre outros, passassem a se preocupar com textos que extrapolassem os limites da linguagem verbal.

No entanto, a maior parte das investigações que busca dar conta destes textos tem foco distinto do que aqui é proposto para este estudo, o da recategorização. Contudo, ressaltamos que Bentes, Ramos e Alves Filho (2010) já chamam a atenção para o desafio de

se trabalhar com os textos multimodais de forma mais sistemática na Linguística Textual, bem como é preciso destacar a iniciativa de Ramos (2012) na proposição de estudos voltados para os textos multimodais no âmbito da Linguística Textual.

Para explicar a composição dos textos multimodais, Kress e Van Leeuwen (1996) criaram a Teoria da Multimodalidade, expondo que tais textos se apresentam compostos por mais de um código semiótico, cujas mudanças viabilizadas pelos próprios produtores da língua envolvem os sistemas semióticos que compõem a representação da realidade por meio de uma linguagem verbal e não verbal.

Nessa perspectiva, as palavras aliadas às imagens trazem significado cultural e, por serem variáveis e mutáveis, absorvem um modo plural de apresentação da realidade. No que se refere à modalidade visual, as semioses imagéticas que envolvem a construção dos textos, tanto a produção como seu uso, apontam para o efeito da composição de sentidos em conjunção com a linguagem verbal, de modo que oferecem ferramentas ao leitor para o entendimento das leituras propostas pelo texto.

As charges, assim como todos os gêneros textuais, constituem “formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos” (MARCUSCHI, 2005, p. 19). Na perspectiva considerada para este estudo, que é a sociocognitiva, tanto os elementos verbais quanto os não verbais devem ser apresentados como partes constituintes do texto, considerando-se qualquer foco de análise, especialmente, o da recategorização, já que todos os componentes verbais e imagéticos devem ser incorporados na identificação de objetos recategorizados.

Bentes, Ramos e Alves Filho (2010) expõem um ponto que é de grande relevância na leitura de textos multimodais, observando aquilo que Ramos (2009) denominou determinante visual, equiparado ao objeto de discurso, na Linguística de Texto, sendo que este seria compreendido como uma “categoria referencial construída e reconstruída no processo de progressão do texto multimodal” (BENTES; RAMOS; ALVES FILHO, 2010, p. 402).

Desse modo, ratificamos nosso posicionamento teórico reafirmando que entendemos a multimodalidade conforme a perspectiva defendida por Kress e Van Leeuwen (1996), também assumida por outros autores, os quais esclarecem que os textos multimodais são congregados por mais de um código semiótico, entendido como os elementos que

podem atuar na composição de um texto: imagens, formas, letras, cores etc., envoltos por sistemas semióticos que ajudam a compor a representação da realidade por meio de uma linguagem verbal e não verbal, cujo aspecto cognitivo é primordial na apresentação dessa realidade e cuja exterioridade intermedeia a produção textual com o campo semântico-cognitivo.

4 A recategorização nas charges

Neste subitem serão apresentados os procedimentos metodológicos, bem como, bem como a análise dos dados e os resultados obtidos durante a realização desta investigação, no sentido de alcançar os objetivos propostos para este estudo.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* constituído para esta investigação é formado por charges produzidas por jornais de grande circulação em Teresina-PI. Neste artigo, serão apresentadas apenas duas, de onze charges que compõem o *corpus*. A seleção das charges constituintes do *corpus* compreendeu o período entre os anos de 2010 e 2012. Ressaltamos que, na seleção do *corpus*, foi dada prioridade a três critérios: 1) charges que apresentaram somente metáfora; 2) charges que apresentaram apenas metonímia; 3) charges que apresentaram os dois processos simultaneamente.

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa é de natureza qualitativa com análise descritiva dos dados. A pesquisa bibliográfica foi realizada em livros e artigos que tratam do tema em destaque e que possibilitaram o devido embasamento teórico que o trabalho requer.

4.2 ANÁLISES DOS DADOS

As duas charges selecionadas para compor este artigo foram licenciadas por processos distintos, já que a charge 1 é engatilhada somente por metáfora, enquanto que na

charge 2 ocorrem tanto a metáfora quanto a metonímia, conforme se observa nas discussões a seguir.

A charge a seguir tematiza o referente “Caso Fernanda Lages”, um fato social de ampla repercussão na cidade de Teresina. Trata-se da morte misteriosa da estudante de Direito Fernanda Lages ocorrida em agosto de 2012, supostamente arremessada de um prédio em construção de considerável altura. Ressaltamos que, antes da conclusão do inquérito da morte da estudante, a Polícia Federal e o Ministério Público apresentaram várias versões para o fato, o que causou polêmica na imprensa e sociedade em geral, repercutida na charge como passamos a apresentar na sequência.

Charge 1: Caso Fernanda Lages 2



Fonte: Jornal Meio Norte (out/2011). Disponível em: (<http://portalmeyonorte.com>). Acesso em: 28.07.12)

Inicialmente ressaltamos que o referente “Caso Fernanda Lages” passa por uma nova recategorização, explícita na superfície textual por meio de um determinante visual, ou seja, a figura de um labirinto.

Esta charge é composta por vários elementos semióticos imagéticos: a representação do labirinto, a estudante ao centro do labirinto depois de morta, as figuras dos repórteres e câmeras com seus instrumentos de trabalho (câmera filmadora e microfone), as imagens dos policiais militares; as figuras de autoridades do Ministério Público e de investigadores, reconhecidas, respectivamente, por suas vestimentas e instrumentos de trabalho, tendo

ainda como suporte sinais de interrogação que contribuem para a composição do sentido. Além disso, as cores cinza, azul, vermelho, branco, preto e roxo ajudam a construir a imagem do labirinto e a identificar as personagens da charge.

Congrega-se a estes elementos visuais a expressão verbal “Caso Fernanda Lages”, escrita acima e ao centro da charge, sendo, portanto, determinante para evidenciar a situação que ocorreu com a garota, fazendo com que o interlocutor acione em sua memória a lembrança da morte da estudante.

O efeito cômico da charge é produzido pela imagem da garota ao centro do labirinto e as demais pessoas circulando ao seu redor, para noticiar a informação, inclusive com microfone voltado para o cadáver da estudante, ou outros personagens tentando encontrar pistas que levem à solução do caso.

Quanto à ironia, evidencia-se no texto através da imagem do labirinto, ajudando a compor uma crítica à investigação da morte da estudante para a qual a Polícia Federal apresentou dificuldades em encontrar uma solução convincente. Do mesmo modo, as figuras de pessoas de frente e de costas para o cadáver, como se não vissem o que está evidente, ajuda a compor o efeito irônico, residindo a crítica à incompetência das autoridades.

Nesse exemplo, a recategorização metafórica do referente “Caso Fernanda Lages” como “um labirinto” é fundamental para engatilhar os efeitos de sentido apresentados anteriormente. No licenciamento dessa recategorização podemos dizer da metáfora conceitual INVESTIGAÇÃO POLICIAL É UM LABIRINTO. Soma-se a essa primeira recategorização descrita, a recategorização das “pessoas que estão dentro do labirinto”, à exceção da estudante morta, como se fossem “pessoas perdidas”, o que configura a dificuldade de solução do caso, em que não se encontra uma saída para explicar a morte misteriosa do referente imagético “Fernanda Lages”, obviamente recategorizado na charge como “um cadáver”, conforme se observa pela sua posição imóvel e em decúbito dorsal, além da mancha de sangue próxima a sua cabeça. No licenciamento dessa recategorização, temos a metáfora conceitual MORTE É PARA BAIXO. É fato que as duas recategorizações licenciadas pela metáfora conceitual INVESTIGAÇÃO POLICIAL É UM LABIRINTO são mais decisivas para o engatilhamento dos efeitos de sentido do texto já descritos, o que não

significa uma menor importância da última recategorização apresentada no conjunto total da construção de sentidos da charge.

Estas recategorizações são permitidas pela imagem que se apresenta, como nas demais charges, como um todo complexo, na qual as pessoas (investigadores, policiais, Ministério Público) aparecem de costas para o cadáver, como se não tivessem querendo “enxergar” o evidente, como se tivessem fazendo “vista grossa” para o que de fato aconteceu com Fernanda Lages, o que poderia aludir a uma nova leitura, sugerindo um falso labirinto, do qual surgiria a recategorização MORTE DE FERNANDA LAGES É UM FALSO LABIRINTO. Ressaltamos que as únicas pessoas que aparecem de frente para o cadáver é a imprensa (repórter e câmera), os quais parecem ser os únicos que tentam enxergar o que realmente aconteceu no dia em que a estudante morreu.

Nessa ótica, as recategorizações nessa charge são estabelecidas sob duas vertentes que se aliam a dois tipos de leituras distintas: i) diretamente no plano da imagem, no que se refere ao labirinto e as pessoas ali perdidas, bem como ao cadáver da estudante; ii) a partir de uma segunda leitura, também no plano da imagem, mas de um falso labirinto, na qual reside a crítica à falta de solução do caso, em que as autoridades fazem questão de não enxergar o que está óbvio. Para esta segunda recategorização, é necessário um maior esforço cognitivo e conhecimento sobre o caso. Em todas as recategorizações que se realizam nessa charge, o componente verbal é decisivo para que estas ocorram.

Nesta charge, as recategorizações trazem como função essencial fazer uma crítica à falta de solução para a morte da estudante de Direito Fernanda Lages, como se as autoridades não a resolvesse por falta de vontade, ratificada pelas figuras das pessoas ao redor do cadáver da estudante dentro do labirinto.

A próxima charge faz uma crítica ao excesso de uso dos meios eletrônicos na sociedade atual, particularmente das redes sociais. Nela também podemos constatar uma estreita relação entre metáforas e metonímias conceituais no licenciamento das recategorizações que engatilham os seus efeitos de sentido.

Charge 2: O vício das redes sociais



Fonte: Disponível em: <http://portalaz.com.br>. Acesso em: 21.03.13.

A imagem da charge ora analisada é composta somente por elementos não verbais, já que a letra “f” que nela aparece é uma simbologia do Facebook¹, rede social de grande popularidade entre os internautas. Lembramos que, para efeito deste estudo, o texto multimodal é aquele formado por imagens aliadas ou não ao texto verbal, cujos elementos semióticos são compostos por figuras, cores, formatos, letras, dentre outros.

Além do símbolo do Facebook, compõem a charge as figuras de uma *tablet* e de um homem em posição de drogadição. As cores são outros elementos semióticos utilizados para compor o sentido que o chargista deseja produzir. Nesse caso, verificamos que somente a imagem do *tablet* é colorida, evidenciando a intenção do produtor da charge em deixar claro o entendimento em relação à figura do aparelho eletrônico, o que poderia comprometer a compreensão da charge.

A construção de sentidos dessa charge, apesar da ausência de elementos verbais, pode ser evocada a partir da figura do rapaz numa atitude próxima a de um usuário de drogas ilícitas, comportando-se como se estivesse cheirando uma droga, que é representada pela figura do *tablet*. Assim, o modo como ele se apresenta, de olhos fechados, como se estivesse

¹ Consultando dados de simbologias do facebook na internet, constatamos que o símbolo  representa este aplicativo e, por isso, não será tomado neste estudo como uma letra, mas como já dissemos, um símbolo representativo do programa.

“em outro mundo”, é semelhante ao comportamento dos usuários de drogas ilícitas, a exemplo da cocaína, o que nos leva a compreender melhor a intenção do chargista.

Assim, duas recategorizações são imprescindíveis para a construção de sentidos dessa charge: a de “redes sociais” como “uma droga” e a de “usuários de redes sociais” como “viciados”. Na base dessas recategorizações, podemos identificar a metáfora REDE SOCIAL É UM VÍCIO. Contudo, para esse entendimento, é preciso ver que o símbolo do Facebook integrante da charge é tomado pelas redes sociais como um todo, ou seja, numa relação metonímica PARTE PELO TODO.

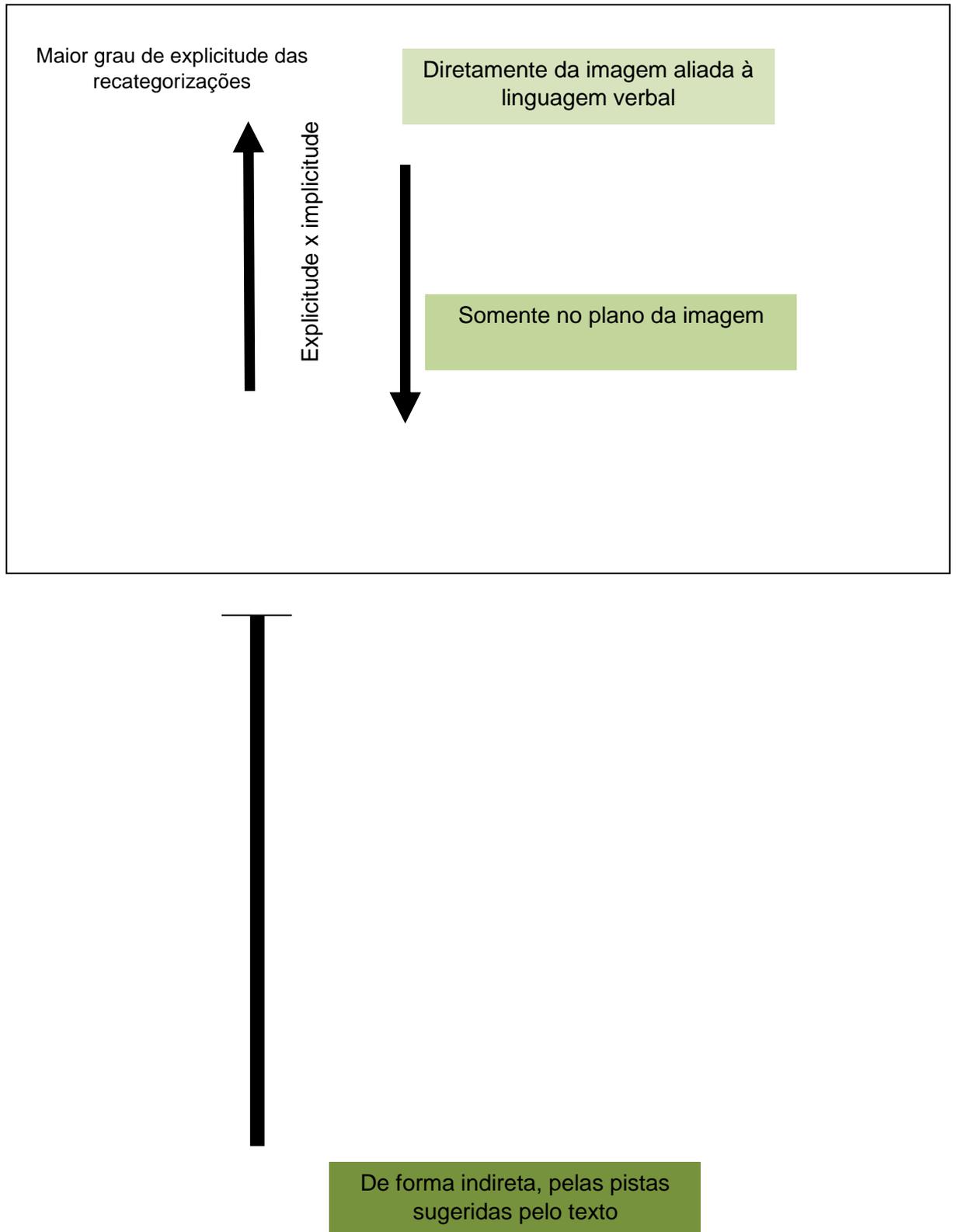
Compreendemos que sejam as recategorizações descritas as responsáveis pela construção dos efeitos cômico e irônico da charge, que repercute um tema inescapável à sociedade contemporânea, chamando à atenção para o uso sem controle das redes sociais, considerando o seu grande poder de atração pela diversidade de recursos que colocam à disposição de seus usuários nas interações virtuais. Assim, a figura do rapaz “cheirando” o Facebook num *tablet* não deixa de ser cômica, mas a ironia é muito maior quando a charge retrata a crítica que se volta ao cenário de o homem poder vir a se tornar um “refém” da própria tecnologia por ele criada, cujo domínio sobre este é semelhante ao domínio que as drogas exercem sobre quem as utiliza.

Ressaltamos que duas recategorizações metafóricas nesta charge ocorrem diretamente pela imagem, já que ao olhar a charge, prontamente realizamos as recategorizações do usuário do *face* como usuário de drogas, além da figura do *tablet* ser tomada pelas drogas em geral, revelando o poder que as imagens têm de congregar a recategorização num único plano. No entanto, a recategorização metonímica do *tablet* por outros componentes tecnológicos, como celular, por exemplo, exige maior esforço mental para sua realização. Sendo assim, a imagem desta charge traz como principal função recategorizadora criticar os usuários dos aparelhos tecnológicos que se comportam como viciados de drogas.

4.3 RESULTADOS OBTIDOS

A partir da análise dessas charges que compõem nosso *corpus* de investigação, cabe salientar por meio de um esquema o grau de explicitude de como as recategorizações

ocorrem em textos multimodais. Desse modo, o esquema, a seguir, sintetiza os três modos de processamento da recategorização nas charges, identificados neste estudo quando do *corpus* maior, ou seja, das onze charges que compõem o *corpus* completo e não apenas as duas apresentadas neste artigo.



Menor grau de explicitude das
recategorizações _____

Quadro 1: Esquema do grau de explicitude das recategorizações nas charges

Fonte: Esquema produzido pela autora. (Nov./2013).

Verificamos que o grau de explicitude da recategorização vai variar conforme as imagens se apresentam congregadas a elementos verbais, cujo grau é maior nestes casos. No entanto, quando a recategorização ocorre somente no plano da imagem, a explicitude embora se manifeste é menor na escala em relação à anterior. Mas, quando somente a imagem não é suficiente para a recategorização, o interlocutor faz uso das pistas sugeridas no texto para inferir as recategorizações e, assim, processá-las.

Reafirmamos, portanto, a importância do processo de recategorização na construção dos sentidos de todas as charges, bem como da metáfora e da metonímia conceituais no licenciamento desse processo, como vimos ao longo das análises.

Assim, as charges facilitam a recategorização, pois trazem imagens expostas de forma simultânea, que ativam mais rapidamente a leitura, tendo em vista que os signos não verbais, nos textos multimodais apresentam-se congregados, num mesmo plano visual, o que não acontece com os signos verbais, que por não possuírem imagens, apresentam o processo de recategorização de modo mais dificultoso. As metáforas servem de apoio para as recategorizações, que a partir delas podem ser efetuadas pelo interlocutor.

5 Considerações Finais

Encontramos indícios de que a constituição semiótica dos textos multimodais pode determinar a construção de imagens que exercem funções semelhantes às expressões referenciais, ou seja, as imagens podem substituir as expressões nominais na construção do processo de recategorização.

A recategorização apenas por metonímia, diferentemente daquela por metáfora, não apresentou nenhuma ocorrência, a nosso ver, por conta de esta se encontrar sempre acoplada ao processo metafórico, cuja possibilidade não descartamos em um *corpus* maior. Desse modo, neste estudo, todas as metonímias se apoiaram no processo metafórico.

Neste íterim, ressaltamos que a metáfora é mais facilmente interpretada do que a metonímia nos textos imagéticos, como se o primeiro processo se sobrepusesse em relação ao outro, servindo inclusive de apoio para o segundo.

A recategorização engatilha os efeitos cômico e irônico, quando estes existem, na construção de sentidos das charges, no entanto, verificamos que nos textos multimodais como as charges, a ironia se volta mais para a crítica do que a comicidade, que nem sempre acontece nestes textos.

A análise do *corpus* apontou para o fato de que a recategorização em textos multimodais pode ser efetuada sob três planos: i) diretamente da própria imagem, em ocorrências nas quais as figuras formam um todo complexo para provocar a recategorização; ii) de forma mais rara, a recategorização pode ser acionada pela materialidade textual que compõe o texto multimodal ancorando-se, no entanto, na imagem; iii) de forma indireta, quando a recategorização só pode ser ativada no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, pois, sendo de ordem cognitiva, exige mais esforço do interlocutor para a sua reconstrução.

Constatamos também que quando há elementos verbais, estes em geral não acionam diretamente o processo de recategorização, mas este ficaria comprometido sem a presença desses elementos.

Nos textos multimodais, como as charges, verificamos que as recategorizações são facilitadas pelas imagens, porque a nosso ver, o texto se apresenta de modo instantâneo, ativando uma leitura mais rápida, sendo diferente nos textos apenas verbais nos quais a recategorização se realiza em um processo mais trabalhoso.

Referências

APOTHÉLOZ D., REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (eds.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores**. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-71.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BALDRY, A.; THIBAUT, P. J. **Multimodal Transcription and Text Analysis: A. Multimedia Toolkit and Coursebook**. London/Oakville, Equinox, 2006. 270 pp. Disponível em: <http://download2.hermes.asb.dk/archive/download/Hermes-41-2-baldry%26thibault.pdf>.

Acesso em: 13.05.13.

BENTES, A. C., RAMOS, P. e ALVES FILHO, F. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e Análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 389-428.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: UFC, 2011.

_____. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M. M., BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 125-149.

CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e argumentação na charge**. Recife: O Autor, 2008. 102 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2008.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Expressões referenciais em textos escolares: a questão da inadequação**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FLÔRES, O. **A leitura da charge**. Canoas: Ulbra, 2002.

KOCH, I. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**. London/New York: Routledge, 1996.

LIMA, S. M. C. de. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização**. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MAGALHÃES, A. M. **Sentido, história e memória em charges eletrônicas sobre o governo Lula: os domínios do interdiscurso**. Mestrado em Letras, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore G.; V.; MORATO, Edwiges; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. Bernadete, RODRIGUES, A.C.S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**. v. VIII. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002. p. 31-56.

MARCUSCHI, L. A.; MORATO, E. M.; KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a Linguística e as Ciências Cognitivas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 85-87, 2003.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CALVACANTE; RODRIGUES; CIULLA (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2012.

TEIXEIRA, L. G. S. **O traço como texto**: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. **Cadernos Avulsos**, Fundação Casa Rui Barbosa, nº 38, 2001.